Estratégia do ensino de Libras Como L2 (Segunda Língua): Dicionário da configuração de mãos na atuação dos professores de Libras

CHARLES LARY MARQUES FERRAZ
EDICLÉA MASCARENHAS

RESUMO

Este estudo visa a apresentar proposta para o ensino de Libras como segunda língua, bem como os possíveis resultados da pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense sobre a produção de um dicionário de configuração de mãos para uso de professores em atuação no ensino de Libras, objetivando a ampliação de vocabulário dos alunos, aprendizes e o melhor aproveitamento de tempo nos cursos. Possibilita o uso de um dicionário com as configurações de mãos, organizado a partir da lógica de estruturação de uma língua visual. Buscou-se identificar processos facilitadores na aprendizagem dos alunos ouvintes matriculados nos cursos de Libras, bem como tornar mais eficaz o trabalho do professor ou instrutor de Libras a partir da utilização de um dicionário de configuração de mãos relacionado à temática, sempre com a perspectiva de ampliação do vocabulário dos alunos – esclarecendo que o processo de formação e produção de um sinal na Libras ocorre, também, a partir do parâmetro de configuração de mãos. Revelando as principais teorias dos cincos parâmetros da Libras e a evolução da história dos dicionários desde Flausino José da Gama (ex-aluno do INES) até os dias atuais. Foi utilizada metodologia quali-quantitativa, em que configurações foram identificadas, catalogadas, organizadas didaticamente em Dicionário de Configuração de Mãos (FERRAZ, 2017) validado na prática por docentes. Concluiu-se que os resultados mostraram que os alunos ouvintes tiveram redução do seu tempo de ampliação de vocabulário, melhor compreensão da língua, além de aproveitar mais o tempo de aula e apreender mais sinais a partir do uso do dicionário com as configurações de mãos criadas para este fim.

CHARLES LARY MARQUES FERRAZ
Universidade Federal Fluminense-RJ (UFF). E-mail: charles.lary@gmail.com.

EDICLÉA MASCARENHAS
Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ). E-mail: professoraediclea.uerj@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir de inquietações relacionadas à experiência de vida de uma pessoa surda e de sua atuação como professor de Libras em diferentes instituições – na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em redes municipais de ensino.

Sabendo que a Libras é reconhecida como segunda língua oficial do Brasil, cabe às instituições públicas educacionais determinarem a inclusão de conteúdos curriculares desenvolvidos em todos níveis, etapas na modalidade de educação desde o Ensino Infantil até o Ensino Superior devido ao decreto 5626/2005. Dessa forma, o ideal é que professores, alunos, funcionários, direção da escola, familiares, utilizem a Libras a fim de estabelecer comunicação e facilitar a interação dos surdos nesses espaços.

Em um curso composto por vários níveis de proficiência em Libras ou em disciplina de Libras nas licenciaturas durante o semestre, ocorrem muitos equívocos no que se refere a ministrar as aulas, e talvez a maior deles seja não explorar devidamente o parâmetro configuração de mão. Geralmente o que ocorre é que alunos durante o curso demonstram sua aprendizagem, mas ao concluírem o curso de Libras ficam limitados e sem saber se expressar em Libras ao se comunicarem com surdos, ficando assim, nítido, que alguma coisa faltou, que falhas ocorreram nesse processo.

Como foi explicitado acima, segundo Gesser (2012), o que falta é a utilização de estratégias no ensino de Libras, como a estimulação do uso do dicionário, dando assim ao aluno oportunidade de desenvolver autonomia e senso investigativo.

Os estudos referentes à fonologia em Libras vêm sendo disseminados e cada vez mais se tornam objeto de pesquisa por diversos pesquisadores, dentre os quais se destaca Tanya Amaral Felipe, doutora em linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, que identificou 64 configurações de mãos.

Segundo Felipe (2001) a fonologia da Língua Brasileira de Sinais se constitui a partir dos parâmetros que compõem seu nível linguístico. Tais parâmetros são formados a partir das configurações de mãos: ponto de articulação, movimento, orientação, expressão facial e os elementos envolvidos nos sinais.

Quando se articula uma palavra ou um item lexical em língua de sinais, sua formação ocorre a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato, em um lugar específico, podendo ser esse lugar uma parte do corpo ou do espaço em frente ao corpo.

Assim, ao iniciar o trabalho de investigação e pesquisa, a hipótese inicial era de que a maioria dos professores não utilizava um dicionário em sala de aula como uma das estratégias de ensino.

Sabe-se hoje da necessidade dos alunos em reconhecer as configurações de mãos, saber diferenciá-las e utilizá-las

sempre na perspectiva de ampliação do vocabulário. E para seu desenvolvimento linguístico, é importante identificar que o processo de formação de um sinal na Libras ocorre a partir do parâmetro de configuração de mãos.

Outro ponto relevante e que poderá favorecer também a compreensão acerca dos parâmetros e das bases fonéticas da Libras enquanto língua, auxiliando também na sua percepção, é a utilização de mecanismos distintos em sua construção, e a compreensão de sua modalidade linguística, a saber, viso-espacial.

Dessa forma, busca-se a partir deste artigo, discutir, pesquisar e coletar os dados (positivos e/ou negativos) a partir das experiências de sala de aula relacionadas ao dicionário das configurações de mãos, visando à melhoria do ensino na atuação dos professores de Libras e, em consequência, ao melhor aproveitamento das aulas por parte dos alunos.

O objetivo é criar um dicionário com as configurações de mãos para uso como metodologia de ensino de Libras como segunda língua para ouvintes, para a melhoria do seu ensino.

1. AS PRINCIPAIS TEORIAS DOS CINCO PARÂMETROS EM LIBRAS

O tema da pesquisa refere-se ao estudo linguístico da Língua Brasileira de Sinais que resultou na criação do Dicionário de Configurações de Mãos em Libras, (FERRAZ, 2017). Portanto, é necessário conhecer os princípios fonológicos e as restrições na formação de sinais.

Stokoe, em 1960, foi o primeiro pesquisador a afirmar que a língua de sinais americana atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. Ele observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos com uma estrutura interior. Stokoe investigou a formação de sinal e definiu três parâmetros que atuam simultaneamente na formação de um sinal particular: configuração de mãos, localização e movimento.

O primeiro parâmetro é a Configuração de Mãos (CM), refere-se ao formato que as mãos assumem na produção dos sinais, considerado como datilologia (alfabeto digital/manual), podendo ser feito com uma ou duas mãos. Como enfoque nas considerações das configurações de mãos,

> os linguistas argumentam que as configurações de mão em si não têm significado. (...) nosso argumento é o de que podemos encontrar diferentes tipos de motivação em cada um dos parâmetros das línguas de sinais e que, na maioria dos casos, essa motivação pode ser identificada.... (COSTA, 2012 p.39).

O segundo parâmetro é a localização (L), ou seja, o lugar no corpo ou no espaço em que o sinal é articulado, podendo ser realizado em determinada parte do corpo ou em espaço neutro (BRITO, 1995).

Já o terceiro parâmetro é o movimento (M) realizado por uma ou duas mãos,

podendo ser unidirecional, bidirecional ou multidirecional (BRITO, 1995; QUADROS, 2004). Pode haver movimentos rápidos, tensos ou repetidos.

Em 1974, Battisson, acrescentou um quarto parâmetro, referindo-se à orientação das palmas das mãos, que indica a direção. Existem sinais que apresentam diferentes significados apenas pela distinção da orientação da palma da mão.

Segundo Baker e Padden (1978), foi acrescentada ainda aos parâmetros das línguas de sinais a expressão facial – referente aos movimento da boca e à direção do olhar – sendo este o quinto e último parâmetro identificado. Nos estudos sobre a língua de sinais americana foram revelados os mesmos níveis encontrados nas línguas orais, incluindo um nível sublexical de estruturação interna do sinal e um nível gramatical, que especifica os modos como os sinais devem ser combinados para formarem frases e sentenças.

No Brasil, Lucinda Ferreira Brito, primeira linguista brasileira em língua de sinais, em meados dos anos de 1980 trouxe

Figura 1 *– 46 configurações de mãos na Libras (BRITO, 1995 p. 220)*

explicações sobre unidades mínimas sem significado que servem de base para formação do sinal identificado no estudo da fonologia da Libras. O estudo da fonética e da fonologia da Libras identificou quarenta e seis configurações de mãos, como é possível ver nas duas imagens seguintes.

O estudo da fonologia em Libras ampliou-se e tornou-se objeto de pesquisa de diversos pesquisadores, entre os quais destaca-se Tanya Amara Felipe, doutoranda em Linguística pela UFRJ, que identificou 64 configurações de mãos, as quais seguem na Figura 2.

Em decorrência disso, vários quadros oficiais de configuração de mãos foram criados, cada qual seguindo as diferentes abordagens de seus autores, em que cada autor propõe um agrupamento diferente na quantidade de configurações de mãos.

Apesar de apresentar todos os quadros de configurações de mãos que encontramos disponíveis na rede, é preciso salientar que as mais aceitas no universo acadêmico são as desenvolvidas e aperfeiçoadas por Nelson Pimenta e Tanya Felipe. Por esse motivo, utilizou-se como base para análise nesta pesquisa a tabela da configuração de mãos da autora Tanya Felipe, pois possui maior visibilidade e quantidade razoável de configuração de mãos.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa trata, inicialmente, de um levantamento de dados acerca da Língua Brasileira de Sinais e do seu uso nos dicionários de configuração de mãos

Figura 2 *– 64 configurações de mãos (FELIPE, p. 28, 2005)*

em Libras. Para tanto, recorremos à metodologia de coleta de dados, para produção de material que irá dar suporte aos professores de Libras.

O instrumento de coleta de dados foi modelado a partir de levantamentos de dados dos sinais existentes, recolhendo-os e relacionando-os de acordo com a configuração de mãos a partir de vários links da internet.

A pesquisa foi realizada do mês desde setembro de 2015 até abril de 2016 durante tarefas do cotidiano da prática docente de um professor surdo, não se estipulando horário específico para isso, aproveitando-se cada momento oportuno de uso da língua para coleta dos sinais. Na segunda etapa, foram coletados sinais existentes de acordo com cada configuração de mãos em diferentes links de usuários da Língua de Sinais, como Youtube e Facebook. Foram coletados dados também de DVD com dicionário de Libras do INES. Foram também identificados sinais a partir de conversa usual do dia a dia em família com outros familiares surdos e entre amigos. A partir da coleta, constituiu-se um banco de dados com aproximadamente 1.350 sinais. Os sinais foram organizados e catalogados na ordem de cada uma das 64 configurações de mãos anteriormente analisadas, cada qual com seus respectivos registros e identificação dos parâmetros (configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação das palmas e expressão facial). Esses sinais foram todos manuscritos em um caderno de registros.

O processo de confecção do Dicionário da Configuração de Mãos em Libras foi finalizado em 1 ano e 9 meses.

ACORDAR
CM: mãos em letra "S"
PA: ao lado da cabeça
M: simétrico, semicircular para cima
O: para frente
E.F/E.C: expressão de sono

MALA
CM: mão em letra "S"
PA: espaço neutro na altura entre abdômen
M: retilíneo para cima e baixo, curto e repetidamente
O: para trás
E.F/E.C: neutra

Figura 3 *– Acervo do autor*

O produto do dicionário de configuração de mãos em Libras possui 182 páginas, com formato A4, aproximadamente 730 sinais com 5 parâmetros de Libras em cada um, incluindo apresentação, prefácio e como usá-lo.

3. RESULTADOS

O dicionário foi utilizado e testada sua validade por professores como estratégia para o ensino de Libras. Nos primeiros dias das aulas, houve presença de aproximadamente 17 alunos ouvintes na UFRJ, ainda em fase inicial. Apresentou-se o Dicionário de Configuração de Mãos em Libras, mostrando cada configuração e explorando quantidades razoáveis de sinais com a mesma CM, a fim de que os alunos percebessem a importância desse parâmetro na Libras, mostrando, por exemplo, que cada CM possibilita inúmeros sinais. Passada essa etapa, os alunos passaram então aos diálogos em Libras, fazendo uso dos sinais apresentados.

O dicionário foi validado por 30 professores surdos e por 3 professores ouvintes de Libras no Brasil. Foi também feita uma apresentação do produto com explicação do vídeo em Libras pelo Google, incluindo um formulário de pesquisa, como se pode verificar nos gráficos a seguir:

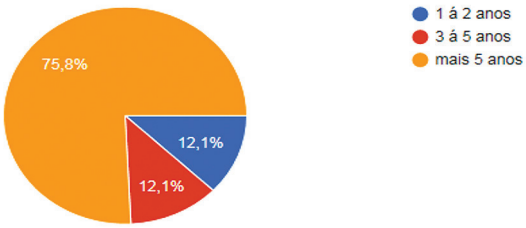

Gráfico 1 *– Há quantos tempo você atua na área do ensino de Libras?*

A área do ensino de Libras destina-se à inclusão de conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidade de educação, desde o Ensino Infantil até o Ensino Superior. Segundo o decreto 5626/2005 a Língua Brasileira de Sinais (Libras) passou a ser disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores.

Ou seja, todos os cursos de licenciatura, tanto das universidades públicas quanto das particulares, devem formar professores para educar alunos com surdez.

É importante observar que o curso de Libras também é oferecido nas empresas, pois deve-se levar em consideração a lei da cota dos funcionários, criando um ambiente favorável para o aprendizado dos demais funcionários, além de gerar maior acessibilidade para os funcionários surdos.

Nesse gráfico, observa-se que os professores de Libras apontam (75,8%) que têm experiência de mais de 5 anos na área do ensino de Libras.

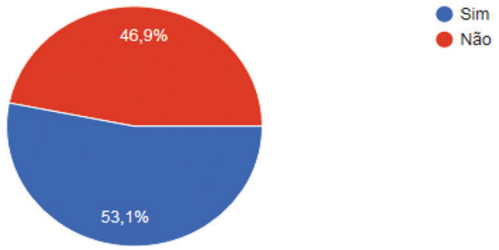

Grafico 2 *– Já utilizou o dicionário de configuração de mãos em Libras na sala de aula?*

Este gráfico aponta que 53,1% dos professores de Libras já haviam utilizado esse material. Fiquei impressionado com esse resultado, pois não tinha conhecimento de que havia algum tipo de material nesse sentido. Acredito que eles tenham entendido outro conceito, utilizando outro tipo de dicionário de Libras em ordem alfabética.

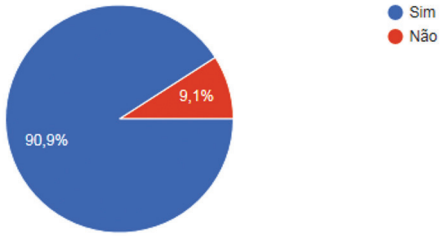

Grafico 3 *– Você já imaginou usar estratégia de ensino aplicando o dicionário de configuração de mãos em Libras na sala de aula?*

A questão 3 apresentou 90,9% e é um ótimo resultado, pois mostra que os professores de Libras têm interesse de usar o dicionário de configuração de mãos em Libras afim de possibilitar e auxiliar as aulas de Libras.

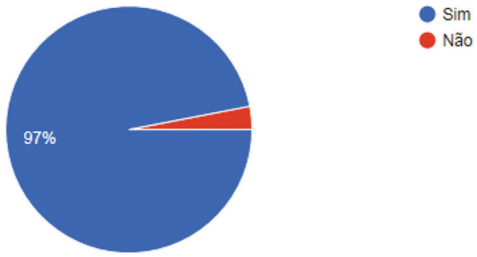

Grafico 4*– Em relação à interação entre educando e educador, este produto facilitaria a aprendizagem de Libras na sala de aula?*

Segundo o gráfico, a maioria dos professores de Libras que possui vasta experiência na área de Libras aprovou esse instrumento de ensino como facilitador da aprendizagem, pois integra os alunos ouvintes no aprendizado da língua.

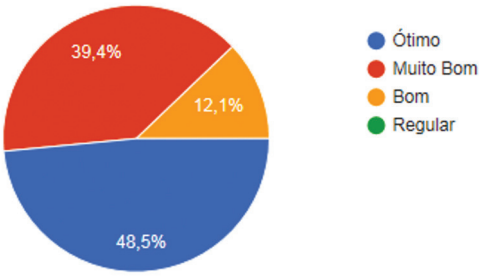

Grafico 5 *– Qual o conceito do dicionário das configurações de mãos em Libras?*

Após a apresentação do produto por meio de vídeo, foi possível notar que 48,5% dos professores de Libras avaliaram o dicionário de configuração de mãos como "ótimo", 39,4 % o avaliaram como "muito bom" e 12,1% o consideraram "bom".

O resultado se mostrou positivo, colocando o produto sob uma perspectiva que deve ser explorada.

DISCUSSÃO

Tem-se visto em alguns dicionários de Libras o índice acompanhando a ordem do alfabeto com sinais,como por exemplo o autor Capovilla (2006) com seu dicionário trilíngue, entre outros.

O uso e a apresentação são inadequados e não se aplicam à linguística da Libras. O adequado seria o índice acompanhar o alfabeto em ordem da configuração de mãos com sinais independentes. Vamos imaginar se o dicionário de Língua Portuguesa utilizasse a ordem do alfabeto da língua alemã. Certamente causaria estranhamento e seria inadequado, inviável, e isso é o que tem ocorrido com os dicionários impressos em Libras. Por isso, este artigo torna-se importante, por sua tentativa de romper com padrões ultrapassados e redesenhar os moldes de dicionarizar as línguas de sinais, e principalmente mudar a atuação dos professores de Libras nessa área.

CONCLUSÃO

Os resultados mostraram que os alunos ouvintes tiveram seu tempo de ampliação de vocabulário reduzido, além de ter o tempo de aula melhor aproveitado, com a apreensão de mais sinais a partir do uso do dicionário com as configurações de mãos criadas para este fim.

Também foi favorecida a compreensão acerca dos parâmetros e das bases fonética da Libras enquanto língua, auxiliando também na percepção de que são utilizados mecanismos distintos em sua construção, e na percepção de sua modalidade linguística, a saber, viso-espacial.

Identificar, reconhecer e diferenciar os cinco parâmetros em Libras é a porta de entrada para compreender a gramática da língua de sinais, ou seja, é a base da regra da língua de sinais. Consequentemente, possibilita adquirir o conhecimento fonológico, morfológico e sintático.

Todas as línguas humanas apresentam uma base de formação, e este trabalho apresenta como isso acontece com a Língua Brasileira de Sinais. A compreensão desses parâmetros contribuirá para o entendimento das bases fonéticas da língua de sinais e com as metodologias de ensino da língua, que utiliza um mecanismo diferente de construção, na modalidade visuo-espacial.

Portanto, assim como ocorre nos cursos de idiomas como o inglês, o espanhol e outros, sobre os quais surgiram e ainda surgem vários livros para utilizar na estratégia do ensino, na Libras, torna-se necessária a criação deste material para nortear e levantar reflexões visando à melhoria do ensino, como ocorre com qualquer outro idioma na sociedade ouvinte, oralizada.

REFERÊNCIAS

LIVROS

BRITO, L. F. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia,1995. p.24-33. CAGLIARI, L. C. Noções básicas: fonética e fonologia. In: *Análise fonológica*: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 17-50.

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue*, Língua de Sinais Brasileira, Libras. Vol. II: Sinais de M a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CUNHA P., Choi, Vieira, Gaspar e Nakasato – *Libras, conhecimento além dos sinais*. 2012.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. *Libras em contexto*: curso básico, livro do professor instrutor. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, Brasília/DF, 2001, p. 61-64.

GESSER, A. *O ouvinte e a surdez*: sobre ensino e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira*: estudos linguísticos. ArtMed, 2004,p.28

SITES PESQUISADOS

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 20 mar. 2016

BRASIL. *Lei 10.436 de 24/04/2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm> Acesso em: 20 mar. 2016.